

# **RISCOS de DESASTRES RELACIONADOS À ÁGUA**

**Aplicabilidade de bases conceituais das  
Ciências Humanas e Sociais  
para a análise de casos concretos**



**Antenora Siqueira  
Norma Valencio  
Mariana Siena  
Marco Antonio Malagoli  
(Organizadores)**

*RiMa*

© 2015 dos autores

## Direitos reservados desta edição

RiMa Editora

## Capa e ilustrações de abertura dos capítulos

Tiago Eugenio dos Santos

Luiz Felipe Bezerra de Souza Barros

Ebbios

R595r Riscos de desastres relacionados à água: aplicabilidade de bases conceituais das Ciências Humanas e Sociais para a análise de casos concretos / organizado por Antenora Siqueira, Norma Valencio, Mariana Siena e Marco Antonio Malagoli – São Carlos: RiMa Editora, 2015.

528 p. il.

ISBN – 978-85-7656-037-1 - e-book

1. Sociologia dos desastres. 2. riscos socioambientais.  
3. conflitos sociais. 4. mudanças climáticas. 5. defesa civil.  
6. proteção civil. 7. questão social. 8. vulnerabilidade. 9. água.  
I. Autor. II. Título.

### COMISSÃO EDITORIAL

Dirlene Ribeiro Martins

Paulo de Tarso Martins

Carlos Eduardo M. Bicudo (Instituto de Botânica - SP)

Evaldo L. G. Espíndola (USP - SP)

João Batista Martins (UEL - PR)

José Eduardo dos Santos (UFSCar - SP)

Michèle Sato (UFMT - MT)

*RiMa*

Rua Virgílio Pozzi, 213 – Santa Paula

13564-040 – São Carlos, SP

Fone/Fax: (16) 32019169



# Memória social: fragmentos de um desastre

**Juliana Sartori**

---

## Introdução

A lembrança é uma arte, na qual o idoso é o grande protagonista. Ele tem o dom de acessar acontecimentos do passado com sua riqueza de detalhes e consegue expressar claramente a experiência vivida. Tanto que Eclea Bosi (1979) destaca que a função social do velho consiste em lembrar.

A lembrança do idoso fornece-nos elementos para a compreensão do mundo social e é de suma relevância para a perpetuação da memória do grupo.

As crises no corpo social, que intitulamos como desastre, promovem perturbação na rotina e no modo de vida e persistem na lembrança de quem o vivencia. E os idosos são fonte para compreensão das dimensões materiais e imateriais dessa crise.

Inicialmente, vamos definir a concepção de desastre que direciona nosso olhar sobre essa crise, que está vinculada à linha de pesquisa da Sociologia dos Desastres. Essa visão destaca que há complexidade no tema dos desastres, pois estes consistem na relação de diversos processos e eventos – sociais, ambientais, culturais, políticos, econômicos, físicos e tecnológicos (OLIVER-SMITH, 1998).

Para Oliver-Smith, uma definição e uma abordagem adequadas nos estudos sobre os desastres devem abranger a multidimensionalidade que os caracteriza. Essa multidimensionalidade se configura como expressão de sistemas físicos, biológicos e sociais que se expressam na interação entre populações, grupos, instituições e práticas (OLIVER-SMITH, 1998).

Como pioneira nos estudos da Sociologia dos Desastres no Brasil, Valencio (2012) pontua que, para compreender a complexidade das crises simultâneas – crise aguda, crise crônica e crise civilizacional – que ocorrem na esfera social, é preciso ter em conta que o desastre não é a manifestação de um fenômeno natural, pois é essencial “capturar as particularidades do momento mais crítico sem desconsiderá-lo como parte de uma tessitura social e histórica mais abrangente” (VALENCIO, 2012, p. 15).

Os indivíduos que vivenciam um desastre perdem suas referências, já que os objetos com os quais o grupo se identifica foram deteriorados. Desse modo, a rotina se desfaz, e a desorientação no mundo vivido envol-

ve não só a ação, mas também a incerteza, que se manifesta no plano simbólico.

O conceito de memória social é de suma importância para o estudo dos desastres, pois um evento tão desaglutinador sempre volta à lembrança. A memória social é uma ferramenta metodológica quando se deseja exemplificar a complexidade do processo de vivência dos desastres.

A fim de relatar a relevância da memória social para compreensão dos desastres, descreveremos o desastre ocorrido em São Luiz do Paraitinga (SP), em janeiro de 2010. O protagonista da nossa análise é o idoso, guardião da memória social do grupo (VALENCIO et al., 2006).

## O idoso e a função social da lembrança

Nas últimas décadas, no mundo, a proporção de pessoas idosas no país aumentou, assim como a ocorrência de desastres. Os idosos se caracterizam, em termos biopsicossociais, como os mais vulneráveis a esses eventos, com maior probabilidade de risco a óbito e adoecimento durante e após o impacto dos desastres (TONER et. al., 2010; OTANI, 2010).

No debate atual, ser idoso está ancorado em critérios cronológico, biológico, social, intelectual, econômico e funcional. Porém, o critério mais utilizado é o cronológico, mesmo não sendo o mais preciso (PASCHOAL, 1996 apud PAVARINI et. al., 2000).<sup>1</sup> No Brasil, de acordo com o Estatuto do Idoso, é considerado idoso o indivíduo com idade igual ou maior que sessenta anos (BRASIL, 2003). “A manipulação das categorias de idade envolve uma verdadeira luta política, na qual está em jogo a redefinição dos poderes ligados a grupos sociais distintos em diferentes momentos do ciclo de vida” (BOURDIEU, 1983 apud DEBERT, 1994, p. 11).<sup>2</sup>

A importância de estudar esse grupo social no contexto de desastre não está somente relacionada com o processo de vulnerabilização que o idoso vivencia em suas relações cotidianas, mas também com o repertório de experiências e de memória do grupo social que esse grupo transmite ao longo das gerações.

A proposta de mergulhar no mundo do idoso em contexto de desastre dá-nos nova perspectiva sociológica, a qual, contudo, tem seguido à margem da história e das visões oficiais sobre o desastre.

---

1. PASCHOAL, S. M. P. Autonomia e independência. In: PAPALÉO NETTO, M. (Org.). *Gerontologia*. São Paulo: Atheneu, 1996. p. 313-323.

2. BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

A resistência acontece no lugar, ou seja, na dimensão local (ZHOURI; OLIVEIRA, 2010). E é na dimensão local que os sujeitos sociais estabelecem relações no meio ambiente, que se realizam por meio da construção simbólica, social e material, que não acontece de forma homogênea. Assim, a defesa do lugar está vinculada à defesa do enraizamento e da memória.

## Memória social

A lembrança constitui a função social do velho (BOSI, 1979). Assim, a memória:

se inscreve e se constrói no cotidiano. Ao mesmo tempo que apreendemos a memória através do imaginário, do senso comum, construímos memórias através de nossas relações cotidianas que se perpetuam nos gestos, sentimentos e atitudes (MARTINS, 2008, p. 129).

A memória sofre flutuações, sendo um fenômeno construído (POLLAK, 1992). Essas flutuações se constituem no momento em que memória é articulada e expressa. As preocupações do momento influenciam o processo de lembrar, uma vez que a memória parte do presente e consiste na constante representação do passado (POLLAK, 1992; BOSI, 2003).

Bosi (1979) propõe fazer uma análise sobre a memória a partir da relação fronteiriça entre o modo de ser do indivíduo e de sua cultura. Ela sugere compreender, portanto, o que foi lembrado por cada idoso e o que foi escolhido por ele para se perpetuar na história de sua vida.

Dessa forma, a autora pretende valorizar a vida que se desagrega, pois colher memória dos velhos é humanizar sua trajetória de vida. A memória dos velhos nos serve como mediação entre nossa geração e as testemunhas do passado. E serve como intermediário informal da cultura (BOSI, 2003).

A importância da memória oral se dá pelo fato de esta se comportar como um instrumento para a construção do quadro que compõe o cotidiano (IDEM). A autora mostra a importância dos estudos sobre a memória social para complementar os estudos históricos, que são amparados somente nas pesquisas documentais. Por mais que a memória oral não se constitua enquanto uma teoria histórica, e nem tenha essa pretensão, de acordo com Bosi, ela ilustra o que poderia se chamar de história das sensibilidades.

A riqueza que caracteriza a memória oral está vinculada com o fato de que ela permite romper com a unilateralidade existente nas instituições e faz surgir diferentes visões e pontos de vistas, nem sempre contraditórios, mas distintos entre si, que mostram a diversidade contida na História.

A memória oral também é constituída de desvios, preconceitos e inautenticidade (BOSI, 2003). A importância em interpretar a diversidade dos relatos seria a de extrair deles uma visão de mundo.

A narrativa revela a complexidade dos acontecimentos e como a memória segue carregada de representações ideológicas sobre determinado fato. Por meio da narrativa é possível encontrar uma articulação da História com a vida cotidiana (IDEM). O idoso se ampara nas experiências e vivências do passado, mas também vive imerso na cotidianidade, no presente, no qual esse passado é sempre reelaborado.

Ao longo de uma história comum e dinâmica, “a memória, no entanto, não é um patrimônio definitivamente constituído; ela é viva precisamente porque nunca está acabada” (GODÓI, 1999, p. 147). Ao relatarmos nossa história de vida, o que nos conduz são os laços estabelecidos entre os acontecimentos-chave – que aparecem de forma mais sólida e estereotipada – e a tentativa de estabelecer uma organização das lembranças de acordo com uma ordem cronológica (POLLAK, 1989).

Sendo assim, por meio desse trabalho de reconstrução de si mesmo, o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros. Pode-se imaginar, para aqueles e aquelas cuja vida foi marcada por múltiplas rupturas e traumatismos, a dificuldade colocada por esse trabalho de organização de uma coerência e de continuidade de sua própria história (IDEM, p. 13).

Assim, o que permanece na memória dos idosos com relação ao desastre vivenciado vincula-se à atribuição de sentido que perpassa a identidade individual e do grupo, que, de certa forma, se interrompe e se desfaz (IDEM). Para compreender essas particularidades do mundo simbólico, adentraremos no que Pollak (1989) nomeia como memórias subterrâneas, que consistem nas memórias que estão à margem da memória dita oficial.

A história oral surge, então, como uma alternativa importante de valorização das memórias subterrâneas. Assim, a importância de trabalhar com memórias é que “o relato oral transforma objetos de estudo em sujeitos” (ALMEIDA, 2001, p. 62).

São os simples que nos libertam dos simplismos, que nos pedem a explicação científica mais consistente, a melhor e mais profunda compreensão da totalidade concreta que reveste de sentido o visível e o invisível. O relevante está também no ínfimo. É na vida cotidiana que a História se desvenda ou se oculta (MARTINS, 2008, p.12).

## **A memória social dos luizenses**

O município de São Luiz do Paraitinga, situado na região do Vale do Paraíba, possui 10.137 habitantes (IBGE, 2010). A proporção de idosos com 60 anos ou mais no município, em 2000, era de 12,09%, passando para 15,37% em 2010 – majoritariamente (15,1%) em área urbana –, valor acima do percentil nacional de 12,1% (IBGE, 2011).

Sua história é marcada pela recorrência de desastres relacionados com a água, especificamente, enxurradas ou inundações bruscas. No ano de 2010, o referido município sofreu as consequências da inundação do rio Paraitinga, no que foi considerado o maior desastre da história do município, que deixou milhares de pessoas desabrigadas e desalojadas.

O desastre no ano de 2010 foi decretado pelo município e reconhecido pelo ente federal como Estado de Calamidade Pública (ECP), em virtude das enxurradas ou inundações bruscas. O documento de Avaliação de Danos (AVADAN) considerou que o desastre foi ocasionado pelo elevado nível de chuvas, cerca de 600 mm no mês de dezembro de 2009. Só no dia 1º de janeiro de 2010, choveu aproximadamente 69,9 mm, o que suscitou a inundação do rio Paraitinga – 11 metros acima de seu nível regular – e a do rio Chapéu – 6 metros acima do nível normal – e levou a diversos deslizamentos de terra (SÃO LUIZ DO PARAITINGA, 2010). Os principais bairros afetados pela inundação foram: Verdeperto, Benfica, Várzea dos Passarinhos, Marina Lobo e o Centro Histórico do município.

Com relação aos danos humanos, o número total de afetados pela inundação foi de 11.000 pessoas, das quais 4.030 ficaram desalojadas, 93 desabrigadas e 16 foram deslocadas. Dentre os afetados, 1.172 pessoas eram idosos, o que corresponde a 10,65% do total, e, destas, 508 ficaram desalojadas, 8, desabrigadas e 16 foram deslocadas (SÃO LUIZ DO PARAITINGA, 2010). Os idosos caracterizam-se como grupo em processo de vulnerabilização, quando comparados aos demais afetados, portanto, é relevante compreender o que permanece na vida desses idosos, que, além de números, são vidas esfaceladas em meio às perdas materiais e imateriais.

Os relatos dos idosos dão conta de que o desastre aconteceu na passagem de 31 de dezembro de 2009 para 1º janeiro de 2010. Como era final de ano, a população estava em festa. As pessoas estavam reunidas na praça do coreto, que fica no centro histórico do município. Chovia bastante durante aquela noite, do mesmo modo que choveu ao longo do mês de dezembro. As águas do rio Paraitinga, que corta o município, subiram 11 metros acima do leito regular, inundando grande parte do município. As pessoas relataram que, apesar de estarem acostumados a lidar com a enchente, nunca viram tanta água. A água:

ficou quatro dias aqui na cidade [...] Aí a água foi a baixando aos poucos, quando foi baixando, a gente não tinha mais a igreja, e nem a Capela das Mercês, e o Casarão, nem a escola aqui (Entrevistado A, zona rural, julho de 2012).

O relato do entrevistado A retoma os momentos cruciais da vivência do desastre em São Luiz do Paraitinga. Ele resgata as festividades do final de ano, que é importante no sentido de verificar que, em primeiro lugar, enquanto a cidade estava em festa, as pessoas tinham grande quantidade de comida para compartilhar com os amigos e familiares, e tudo isso foi perdido; e em segundo lugar, a enchente começou durante a madrugada, logo após as festividades, então, todos estavam dormindo, despreocupados, quando foram surpreendidos com a água dentro de suas casas. As pessoas achavam que essa enchente era como as demais, então, subiram seus pertences, à espera do nível da água diminuir. Porém, essa inundação superou os cálculos dos munícipes, que baseavam-se em suas experiências anteriores.

Os luizenses, além de terem de lidar com o sofrimento pessoal, familiar e comunitário em torno da perda de grande parte de seus pertences – como a perda da casa, de móveis, de roupas, de utensílios domésticos e do comércio em geral –, ainda precisaram encarar o sofrimento relacionado com a perda súbita de parte significativa do patrimônio histórico e cultural local, com a destruição da Igreja Matriz, da Capela das Mercês, dos antigos casarões e da escola municipal, que se situavam na região central da área urbana. A perda do patrimônio cultural da cidade afetou brusca-mente o ritmo da vida comunitária, organizado a partir de suas rotinas estabelecidas no lugar.

No momento da inundação, as pessoas sentiram muito a queda da Igreja Matriz e, de acordo com Campos (2011),

muitas pessoas que ficaram desalojadas, saindo apenas com a roupa que estavam usando, lamentavam mais a queda do templo do que a perda de suas casas e de seus bens. Sua reconstrução ficou, no imaginário dos moradores, como um sinal da reconstrução da cidade e de suas vidas (CAMPOS, 2011, p. 50).

A importância destacada por Campos – a da reconstrução da igreja na vida dos munícipes – está relacionada com o sentimento dos idosos ao descreverem o momento da queda da igreja:

Eu fui lá, quando eu vi caindo, deu um negócio tão ruim, que eu não ia ficar vendo essas coisa não, foi caindo, caiu a torre. Passa aquela imagem, reprise o tempo todo. Eu tava lá perto e fui embora, não aguentava ver aquilo. Depois foi as paredes, a igreja tão bonita (Entrevistado B, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

Esse sentimento, descrito por grande parte dos moradores com relação à perda da igreja, se dá pela importância que ela tinha na reprodução do modo de vida local. A reprodução do modo de vida se concretizava por meio das práticas simbólicas ritualizadas, que estavam fortemente ligadas à religiosidade. Quando o idoso B fala “não aguentei ver aquilo” ou o idoso L destaca “a gente estava sentindo aquilo, e a gente não queria nem olhar”, isso mostra a importância e como a queda da igreja marcou fortemente o processo de desritualização (THORNBURG; KNOTTNERUS; WEBB, 2007).

A igreja representava uma estrutura simbólica com significado para a comunidade. Os sofrimentos em torno dessa perda foram observados no comportamento, nas ações ritualizadas ligadas à igreja e nos relatos dos idosos. A mudança do *habitus* em torno das práticas religiosas foi algo entristecedor para os idosos em São Luiz do Paraitinga, visto que a organização desse espaço para o exercício das práticas rituais, em torno da religião, é fundamental para a sociabilidade cotidiana luizense.

Os idosos diziam ter muito medo de morrer antes de ver a igreja pronta. Uma idosa desabafou: “Se a igreja caiu faz mais de 3 anos, e não acabou... É muito devagar [...] falaram que vai demorar 7 anos pra fazer, eu não sei se vivo pra ver, que eu já estou com quase 70 anos” (Entrevistada J, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

A Igreja Matriz é, muito presente na sociabilidade dos munícipes, ela não está apenas fora como um elemento do espaço, ela está simbolicamente dentro como elemento organizativo da vida. Daí se entende por que mui-

tos munícipes ainda escutavam a badalada do sino ou, ao passarem em frente à igreja, olhavam automaticamente para o relógio, para então se depararem com o que restou da construção. Logo após a inundação, o sino da igreja foi recolocado em frente à Igreja em reconstrução e, diariamente, o sino era tocado, como sempre acontecia.

A vida religiosa marca a cultura e a história luizense (CAMPOS, 2011). A perda súbita e inesperada dos principais estabelecimentos religiosos da comunidade gerou grande sofrimento para os munícipes, visto que 84,6% da população é católica. Vale ressaltar que a vida comunitária era fortemente influenciada pelas atividades religiosas no município, no qual o calendário anual é marcado por diversas festividades, sendo as principais delas: Festas dos Reis, Domingo de Ramos, Semana Santa, Festa do Divino Espírito Santo, Corpus Christi, Festa do Padroeiro São Luís de Tolosa e Festa de Nossa Senhora das Mercês. Grande parte dessas festividades é celebrada durante vários dias, tanto que o entrevistado A brincou ao dizer que faltam dias no ano para a quantidade de festas que são realizadas no município de São Luiz do Paraitinga.

O sentimento dos munícipes com relação à reinauguração da Igreja Matriz, passados quatro anos e cinco meses do dia do desastre, era de muita ansiedade e emoção. A Igreja deveria ter sido reinaugurada em 8 de maio de 2014, dia em que a cidade completava 245 anos, porém, foi oficialmente reinaugurada oito dias depois, em 16 de maio. As festividades relacionadas ao evento ocorreram de 16 a 18 de maio de 2014. A reinauguração da Igreja Matriz, momento muito esperado pelos munícipes, foi marcada por grandes emoções e movimentações na cidade. Vale ressaltar que este estudo não analisou a memória social dos idosos após a inauguração da Igreja Matriz, São Luiz de Tolosa, uma vez que a última inserção em campo foi realizada em janeiro de 2014.

O sentimento coletivo de tristeza foi um elemento que apareceu constantemente nos relatos, que se manifestaram por meio da mudança das interações estabelecidas no território. Nesse sentido, o que o grupo identifica como essencial para classificar as agruras vivenciadas no cotidiano nos é fonte de conhecimento e é essencial para pensar o contexto de crise no qual os desastres se configuram. Porém, o que podemos afirmar, por meio da análise de cunho sociológico, é que os sentimentos permanecem na vivência dos idosos nos desastres e, como destaca um deles, “a pessoa fica com aquilo, né?” (Entrevistado B, Várzea dos Passarinhos). É o medo da vida rotineira, que segue ameaçada, com a possibilidade da ocorrência de um novo desastre:

**Enchente é só pra quem passa e sente, eu sinto.** Eu vejo agora na televisão, e a gente já sentiu na pele, e volta aquela realidade, você tá dentro da casa e a água vindo, como que vai e volta, vem tudo de novo, rapidinho (Entrevistado B, Várzea dos Passarinhos, março de 2013, *grifo nosso*).

Foi muito feio, terrível, só pra quem passou. [...] Tem dia que eu choro aqui, de medo de acontecer comigo aqui o que tá acontecendo lá. Nosso fim vai ser acabá daquele jeito, quando rio enche eu já fico com medo, mas acho que não dá mais, né? [...] Todo ano que passa, vai chegando novembro, dezembro, a gente já vai ficando perturbada. Eu fico mesmo, perco o sono, a água já chegou no bequinho esse ano [...]. Quando enche o rio, já fica aquele zumbido na minha cabeça, a turma já fica gritando na rua, porque ninguém dorme de medo e a gente também não dorme, fica todo mundo pra rua olhando o rio, não tem perigo, mas faz isso (Entrevistada J, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

Muito sentimento, muita perda, sabe? Não sei explicá o vazio. Também já perdi um casal de filho, eu não tenho sonho, um vazio, não sei o que te falar, um negócio de cabeça que vira a gente, sozinha, sem os filho que são casados, tem que ficá sozinha, já faz 3 anos que ele namora uma menina só, a primeira que surgiu, ele puxo o resto da família, foi criado desde novinho (Entrevistada O, Ver de Perto, março de 2013).

A idosa J, ao relatar sobre o desastre da Região Serrana do Rio de Janeiro, se emociona. Também, ao ver as notícias na televisão, de certo modo, ela revive sua traumática experiência em São Luiz do Paraitinga. As dimensões do mundo vivenciado, da vida cotidiana, são decifradas quando esta se desorganiza. O cotidiano que passa despercebido com a reprodução do *habitus* se declara como fonte norteadora de múltiplas realidades sociais.

Eu não queria nem olhar no espelho pra ver o que ia acontecer comigo, de tanto sofrimento... (Entrevistada P, Centro, março de 2013).

Olhar no espelho fez com que a idosa P, de certo modo, entrasse em contato consigo mesma e com a vida cotidiana que se perturbou. As lembranças do desastre vivenciado em São Luiz do Paraitinga se refletem também nos sonhos dos idosos:

Sonhei muitas vezes, agora já não tenho sonhado mais. Eu sonho, uma vez por semana, às vezes seguida, que a enchente vem vindo, e eu tô dentro dela, às vezes é água suja, às vezes é água preta... [...] Sonho, sonho, e eu tive um sonho antes da igreja, que eu saí daqui da capela, en-

contrei com água nesse pedaço de rua, depois aconteceu. [...] Eu sonho sempre, às vezes 2 ou 3 vezes por semana, a água vem vindo e eu tô nela, eu não posso entrá na cidade que a ponte tá cheia de água. (Entrevistada P, Centro, março de 2013).

Eu não durmo de noite. Eu sonho que eu tô caindo na água (...), que a água está me pegando na cama, que eu tô caindo no meio da água (Entrevistada J, Várzea dos Passarinhos, março de 2013).

Os idosos tiveram certo receio em descrever os sonhos relacionados com a enchente em São Luiz do Paraitinga em 2010, O acesso a algo tão íntimo gerou um inicial desconforto. Porém, percebemos que os idosos descreviam sonhos semelhantes com as enchentes, sempre havia o relato do sentimento de desespero com a água entrando na casa. Como se, de algum modo, revivessem a enchente de 2010 e isso expressasse o medo de perder tudo novamente. Dessa forma, o sonho consiste na expressão íntima do ser, porém, “a gestação do conceito de sonho se determina pela mediação das experiências sociais concretas do vivido” (MARTINS, 2000, p. 69). Para o autor, a casa aparece no sonho

como cenário de uma vida rotineira ameaçada – pelos temores oriundos diretamente da vida cotidiana (a vida cotidiana como sociabilidade, tempo e realidade da ameaça e do medo); pelo estranhamento, o estranho e desconhecido com quem se convive lado a lado sem poder identificá-lo; pela suspeita, pela incerteza (IDEM, p. 81).

## Apontamentos e comparações

Nesta parte do capítulo, pretendemos mostrar as diferentes perspectivas da memória social, por meio da comparação do comportamento no ato de lembrar dos idosos de São Luiz do Paraitinga e daqueles de São Caetano do Sul (SP).

Em 2010, foi realizada uma pesquisa, no município de São Caetano do Sul, a respeito da memória social de idosos sobre os raios (SARTORI, 2012). Nesse estudo concluiu-se que os raios se caracterizam enquanto desastres pulverizados, e a memória dos idosos sobre esse fenômeno físico é marcado pela interface entre o mundo sagrado e o profano. Também, seus medos eram desvalorizados ao longo das entrevistas, pois acreditavam que aquelas crendices tinham de ser superadas, por mais que não fossem.

O comportamento da memória dos idosos, ao longo das entrevistas realizadas em São Caetano do Sul, era de caráter mais flutuante. Apesar do medo das grandes tempestades, visto que São Caetano do Sul tem gran-

des incidências de raios, a lembrança dos idosos se direcionava a outras experiências do passado. Experiências relacionadas com o trabalho, a família e a vida cotidiana, de modo geral.

Como Bosi (1979) pontua, a memória se torna mais viva enquanto o corpo se desagrega. Isso foi notório no processo de relembrar dos idosos de São Caetano do Sul, que, apesar de trazerem diversos elementos sobre os medos e experiências que possuem diante dos raios, também trouxeram peculiaridades do seu modo de vida e suas experiências do passado.

No trabalho de campo realizado em São Luiz do Paraitinga, porém, os idosos não falavam de outros acontecimentos do passado ao longo das entrevistas, pois o vínculo com aquela experiência era muito intenso e suas lembranças não poderiam migrar para outros acontecimentos do passado. Vale destacar que os idosos luizenses detalhavam suas experiências traumáticas e, às vezes, não queriam adentrar nas dimensões materiais e subjetivas de seus sofrimentos.

## **Considerações finais**

No presente capítulo pretendeu-se analisar a relevância da memória social como ferramenta importante para a compreensão dos desastres.

A memória social está vinculada ao contexto individual e social e não é algo estático. A memória sofre flutuações e, constantemente, as representações do passado são ressignificadas.

O desastre possui diversas facetas que relacionam processos sociais e históricos que estão territorialmente circunscritos (LAVELL, 1993). Por isso, as experiências de cada grupo social em torno desse acontecimento são únicas e se modificam de acordo com o tempo social.

A reconstrução da vida dos idosos luizenses, que vivenciaram o desastre no ano de 2010, se constitui como um processo social. Suas lembranças seguem marcadas pela perturbação brusca que o desastre causou em suas vidas. Sendo assim, o desastre não termina para esse grupo, pois as representações em torno desse acontecimento trágico são constantemente reelaboradas.

Por meio da voz engasgada, dos olhares e dos gestos, percebemos que o processo de relembrar o passado traz, de alguma forma, os sentimentos do que foi vivenciado nos desastres. Por fim, vale ressaltar que relembrar significa reviver a enchente e adentrar novamente no sofrimento partilhado social e individualmente.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, R. C. **Memórias do rio do Monjolinho**: o processo de urbanização e os impactos sobre os recursos hídricos. 2011. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**. 1. ed. 2ª reimpr. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

CAMPOS, J. T. **A imperial São Luiz do Paraitinga**: história, educação e cultura. Taubaté: Resolução Gráfica, 2011.

DEBERT, G. G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. **Antropologia e velhice**: textos didáticos, n. 13, p. 7-27, 1994. Disponível em: <<http://www.mirelberger.com.br/download/td13-guita.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2014.

GODÓI, E. P. **O trabalho da memória**: cotidiano e história no sertão do Piauí. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

IBGE/INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**: características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: [s.n.], 2010. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_da\\_populacao/resultados\\_do\\_universo.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2012.

LAVELL, A. Ciencias sociales y desastres naturales em America Latina: um encuentro inconcluso. In: MASKREY, A. (Org.). **Los desastres no son naturales**. Panamá: Red de Estudios Sociales en Prevención de Desastres em América Latina, 1993. p. 111-127.

MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

OTANI, J. Older people in natural disasters. kyoto, japan and victoria, australia: Kyoto University Press and Trans Pacific Press, 2010. 176 p. Resenha de: WHITTINGTON, F. J. A timely recovery for literature on disasters and older adults. **The Gerontologist**, v. 51, n. 1, p. 132-137, 2010a.

OLIVER-SMITH, A. Global changes and the definition of disaster. In: QUARANTELLI, E. L. (Org.). **What is a disaster?: perspective on the question**. London and New York: Routledge, 1998. p. 1-7.

PAVARINI, S. C. I. et al. Idoso, direito e cidadania no Brasil: que história é essa?. In: VALENCIO, N. (Org.). **Caminhos da cidadania**. São Carlos: EDUFSCar, 2000.

POLLAK, M. I. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SÃO LUIZ DO PARAITINGA. **Formulário de avaliação de danos**. 2010. Disponível em: <<http://150.162.127.14:8080/ged/SP-A-3550001-12302-100101.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2014.

- SARTORI, J. Memória e práticas sociais de idosos em torno do tema dos raios: o caso de São Caetano do Sul/SP. In: VALENCIO, N. (Org.). **Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil**. v. 3. São Carlos: RiMa, 2012. p. 62-82.
- THORNBURG, A.; KNOTTNERUS, J. D.; WEBB, G. R. Disaster and deritualization: a re-interpretation of findings from early disaster research. **The Social Science Journal**, v. 44, n. 1, p. 161-166, 2007.
- TONER, J. A.; MIERSWA, T. M.; HOWE, J. L. Geriatric mental health disaster and emergency preparedness. New York: Springer, 2010. Resenha de: WHITTINGTON, F.J. A timely recovery for literature on disasters and older adults. **The Gerontologist**, v. 51, n. 1, p. 132-137, 2010b.
- VALENCIO, N. F. L. S. **Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil**. v. 3. São Carlos: RiMa, 2012.
- VALENCIO, N. et al. Implicações éticas e sócio-políticas das práticas de Defesa Civil diante das chuvas: reflexões sobre grupos vulneráveis e cidadania participativa. **São Paulo em Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 96-108, jan./mar. 2006.
- ZHOURI, A.; OLIVEIRA, R. Quando o lugar resiste ao espaço: colonialidade, modernidade e processos de territorialização. In: LASCHEFSKI, A. Z. K. (Org.). **Desenvolvimento e conflitos ambientais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. p. 439-462.